



■ A FAMÍLIA DE Edson Souza da Silva, de 60 anos, que mora no bairro de Lagunas e Dourados, em Duque de Caxias, espera mais investimentos na área da saúde

Cidade com dois perfis

Realidades sociais em Caxias contrastam com alta arrecadação de ICMS decorrente do pólo petrolífero

Por Tatiana Furtado
tatiana.furtado@oglobo.com.br

Fátima Nunes e Gina Guerra são duas pernambucanas que há tempos vieram tentar a sorte em Duque de Caxias. A primeira está desempregada e a segunda é uma advogada bem-sucedida. Se fizessemos uma comparação, esses poderiam ser exemplos da dupla realidade social do município: uma sem infra-estrutura, e outra, desenvolvida, graças às indústrias.

• Nessa linha de raciocínio, Gina poderia representar a Duque de Caxias que tem o sexto maior PIB (Produto Interno Bruto) do país, segundo dados divulgados pelo IBGE, o que daria uma renda *per capita* (a riqueza total produzida pelo município dividida pela população) de cerca de R\$ 17 mil.

E Fátima exemplificaria a cidade que está em 1.782º lugar no Brasil em IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que mede o desenvolvimento do lugar conforme a oferta de serviços como edu-

cação, saúde e emprego.

Com uma população de 800 mil habitantes, a renda média em Caxias é de R\$ 504 e 28% são miseráveis. A taxa de desemprego, de 22%, está acima da

existente no estado, de 15%. Segundo o economista Marcelo Néri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), isso ocorre por dois motivos: a legislação tributária não favorece os municípios no momento da divisão da arrecadação e a indústria petrolífera tem uma mão-de-obra intensiva, que emprega pouco, e é qualificada.

— Grande parte das riquezas geradas em Caxias vai para fora do município. Além disso, os donos da produção não moram na cidade, o que diminui a renda local — explica.

.....
"Não tenho emprego fixo. Um assaltante levou meus documentos."

FÁTIMA NUNES
Moradora
.....

Estilos de vida diferentes lado a lado

• As desigualdades no município aparecem nos estilos de vida de uma família de classe média e de uma pobre que vivem em áreas próximas. A família de Fátima Nunes, de 46 anos, divide, no bairro Jardim Leal, dois cômodos, uma geladeira e uma televisão. Além dela e do marido, Hélio Machado, de 62 anos, ali vivem quatro filhos e uma neta. O casal está desempregado e a renda familiar é de cerca de um salário-mínimo, obtida com a realização de biscates.

— Estou há sete anos desempregado. Agora, devido à idade, está ainda mais difi-

cil conseguir uma vaga — diz Machado, que usa forno a lenha para fazer comida, geralmente doada por vizinhos.

Seus filhos estão fora da escola, porque precisam trabalhar. Fátima, às vezes, cata lixo no aterro sanitário de Jardim Gramacho para vender, ficando exposta a doenças.

— Não consigo emprego fixo, porque meus documen-

“É difícil viver num bairro onde vemos a miséria tão de perto”

MARCIA CARLA PEREIRA
Universitária

tos foram levados num assalto, inclusive a certidão de nascimento. Como o cartório onde foi registrada, em Pernambuco, sofreu um incêndio, não existo para o país. Na verdade, não sou uma cidadã — comenta ela.

Enquanto isso, na família do policial rodoviário Edson Souza, de 60 anos, morador do bairro Lagunas e Dourados, cada um dos três filhos tem o seu próprio quarto e a casa oferece conforto.

A filha mais velha, Marcia Carla Pereira, de 25 anos, estudante de direito, não compreende como numa cidade que abriga grandes empresas sejam tão profundas as desigualdades.

— É estranho viver num bairro onde vemos famílias de classe média de um lado e a miséria depois da ponte —

salienta Marcia, que, como seus irmãos, sempre estudou em colégios particulares.

Ambas as famílias gostam de morar em Caxias, mas têm uma reclamação em comum. A falta de investimentos na área da saúde.

Hélio Machado lembra que teve uma infecção após quatro dias de trabalho no aterro de Gramacho.

“Temos dois hospitais cheios de falhas, onde o atendimento é precário”

GINA GUERRA
Advogada

— Fui atendido num hospital público daqui que está em péssimas condições — conta Machado, lembrando que apenas recentemente dois postos de saúde foram inaugurados no município.

A advogada Gina Guerra tem a mesma opinião. Moradora do bairro Vinte e Cinco de Agosto, o mais nobre de Caxias, acredita que pouca coisa melhorou nos últimos dez anos na cidade.

— Temos dois hospitais cheios de falhas. Quem não pode pagar um plano de saúde fica à mercê do atendimento precário. Não adianta ter o sexto maior PIB, se não há investimentos — enfatiza Gina.

‘PREFEITURA QUER APROVEITAR O MOMENTO’,
 na página 10

Fotos de Hipólito Pereira e Berg Silva



■ HÉLIO MACHADO e a mulher, Fátima Nunes, na casa onde moram, no bairro Jardim Leal, com os filhos. No alto, Elsângela Machado, também filha do casal, mãe de uma menina



■ A REFINARIA DUQUE de Caxias (ao fundo) e a comunidade perto do Rio Sarapuí

Prefeitura quer aproveitar o momento

• O prefeito de Duque de Caxias, Washington Reis, diz que a posição ocupada pelo município no ranking nacional do PIB trará mais responsabilidade para a sua gestão.

— Esperamos atrair mais investimentos com toda essa visibilidade, mas precisa-

mos melhorar a infra-estrutura do município. Caxias é um ovo de Colombo por estar perto das principais vias que interligam o estado — acentua o prefeito.

De acordo com o secretário municipal de Fazenda, Sergio Ruy, Caxias precisa aproveitar a grande arrecadação das indústrias no entorno da Reduc para transformá-la em receita para a prefeitura.

— No primeiro trimestre deste ano, 42% da arrecada-

ção do município vieram do ICMS. E o pólo petrolífero é o grande responsável — informa o secretário, afirmando

“Esperamos atrair mais investimentos. E precisamos melhorar a infra-estrutura”

WASHINGTON REIS
Prefeito de Duque de Caxias

que grande parte foi gasta no pagamento de dívidas.

Mas, lembra Ruy, os *booms* no caso do petróleo costumam durar 25 anos.

— É necessário criar uma base econômica forte com essa arrecadação, para que, no futuro, não dependamos do petróleo. Assim, o município poderá andar com as próprias pernas e, naturalmente, poderá investir em serviços básicos como saúde e educação — explica o secretário.

“Grande parte das riquezas geradas em Caxias vai para fora do município”

MARCELO NERI
Economista da FGV

■ Você quer comentar o assunto? Então escreva para falabaixada@oglobo.com.br